

MEMÓRIA E ORALIDADE NA AMÉRICA-LATINA: REPRESENTATIVIDADE NA DITADURA CIVIL-MILITAR NO BRASIL

Geovanne Soares da Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:**

O presente artigo busca correlacionar às problemáticas acerca da história oral nos contextos brasileiros e latino-americanos utilizando de relatos e memória de guerrilheiros que lutaram contra a ditadura civil-militar do Brasil e alguns teóricos – Thompson, Walter Benjamin e Backzo - que se debruçam nos conceitos de imaginário social, representatividades, verdades e experiência humana, individual ou coletiva. A memória e a experiência são fundamentais para compreensão do conceito de imaginário social e de construção individual e coletivas trazidas através de relatos orais e de possíveis verdades históricas no período proposto e posterior. Com isso, faz-se possível análise do conceito de história oral e o porquê de tanta resistência com a corrente histórica e os usos da memória enquanto construtores do ser em si. É admissível, ainda, ter-se um debate acerca dos problemas que a história oral enfrenta no contexto brasileiro e latino-americano e sua verossimilhança perante a sociedade.

**Palavras-chave:** Memória. História Oral. Ditadura civil-militar. Brasil. América Latina

**RESUMEN:**

El presente artículo correlaciona las problemáticas respeitantes de la historia oral en los contextos brasileños e latinoamericanos utilizando los relatos de guerrilleros que lucharon contra el régimen dictatorial del Brasil. La memoria y la experiencia son fundamentales para la comprensión del concepto del imaginario social y de la construcción individual y coletiva puestas a través de relatos orales y de posibles verdades históricas en el período propuesto y posterior. Así, se hace posible la análisis del concepto histórico oral y la razón de haber tanta resistencia con la corriente histórica y los usos del recuerdo constructores del ser en si mismo. Es aceptable aun tenerse en discusión los problemas enfrentados por la historia oral en los contextos brasileño y latinoamericano además de su verosimilitud frente la sociedad.

**Palabras clave:** Memoria, Recuerdo, Historia oral, Dictadura civil-militar. Brasil. Latinoamerica

**ABSTRACT:**

The present article correlates the problems about oral history in Brazilian and Latin-American contexts utilizing reports and memories of guerrillas who fought against the Brazil's civil-military dictatorship and some theoreticians - Thompson, Walter Benjamin and Backzo - who are based on the concepts of social imagination, representativeness and individual or collective human truths and experiences. Memory and experience are fundamental to comprehend the concepts of social imagination and individual or collective construction which are discussed with oral reports and possible historical truths of the proposed and posterior period. Thereby, it's possible to analyze the concept of oral history and the causes of the resistance with the historical chain and the memory use while human being

---

<sup>1</sup> Graduando em História pela Universidade de Brasília. Pesquisador de iniciação científica com o objeto: “Representatividade da guerrilha urbana na Ditadura civil- militar nos eixos Brasília/Goiânia”.

constructors. So, it's thinkable having a discuss about the problems which the oral history confronts in de Brazilian and Latin- American contexts and the likelihood towards society.

**Key-words:** Memory. Oral History. Civil-Military Dictatorship. Brazil. Latin-American.

O discurso produzido tenta demonstrar as possíveis verdades e/ou construções que o processo histórico é capaz de produzir em determinado tempo, e em determinada sociedade, grupos e indivíduos. No caso específico, tentarei demonstrar as análises de guerrilheiros que buscaram, a luta pela igualdade social e, principalmente, pela democracia. O processo descrito mostra a luta de alguns guerrilheiros nas cidades de Goiânia e Brasília nos tempos da Ditadura Civil-Militar no país. Esse processo é evidenciado com as interpretações únicas de cada indivíduo, mas, também, do coletivo, levando em conta um longo e duradouro processo até a redemocratização de nosso país.

Tendo essa análise como ponto de partida, tomaremos com base, também, as dificuldades que a história oral encontra para ser aceita e corroborada com todo um povo. Além disso, o discurso de experiência também precisa ser debatido, já que o objeto de estudo – no caso a luta dos guerrilheiros – tem como eixo principal as experiências individuais de cada um. Além disso, tentar analisar o conceito de memória e como esse conceito é remetido, também, a experiência e oralidade.

A expectativa do historiador – e por certo do leitor de um texto de história – é de encontrar nele algo de verdade sobre o passado. O discurso histórico, portanto, mesmo operando pela verossimilhança e não pela veracidade, produz um efeito de verdade: é uma narrativa que se propõe como verídica e mesmo se substitui ao passado, tomando o seu lugar. Nesse aspecto, o discurso histórico chega a atingir um efeito real:

[...]gente mas é isso! Valeu a pena!.. mas o Chico me ajudou muito, sinto falta de ir ao cinema [] sinto que morar nessa roça me afasta um pouco do conhecimento né? (risos) mas é... foi muito bonito ver o chico falar isso, a democracia venceu! Então agora nós estamos aqui no Brasil vivendo a democracia, sabe? E eu acho que nunca tinha.. acho que falando com vocês aqui que eu fui reelaborando assim essa... não sei se ajudei. [...] (informação verbal)<sup>2</sup>

O trabalho do historiador remete a diversas versões de um mesmo pressuposto histórico. O historiador, segundo Pesavento, precisa saber que a sua narrativa pode relatar o que ocorreu um dia, mas esse mesmo fato pode ser objeto de múltiplas versões. A rigor, ele deve ter em mente que a verdade deve comparecer no seu trabalho de escrita da História como um horizonte a alcançar, mesmo sabendo que ele não será jamais constituído por uma verdade única ou absoluta. O mais certo seria afirmar que a história estabelece regimes de verdade, e não certezas absolutas.

[...] na dinâmica da temporalidade o que é específico é também múltiplo. Em outras palavras, se o tempo confere singularidade a cada experiência concreta da vida humana, também a define como vivência da pluralidade, pois em cada movimento da história entrecruzam-se tempos múltiplos, que acoplados à

<sup>2</sup> A entrevista com Ester foi realizada no dia 09 de Abril de 2016 em sua residência. Iniciada às 15h e finalizada às 17h.

experiência singular / espacial lhe conferem originalidade e substância. [...] (NEVES, 2010, p. 12)

Ainda nesse enfoque, percebe-se que, as diferentes formas pelas quais os indivíduos e os grupos se dão a perceber, “comparecendo como um reduto de tradução da realidade por meio das emoções e dos sentidos”. (PESAVENTO, 2005, p.57). Por isso, para os historiadores o objeto de captura do passado à própria energia da vida é trazido visto que diferentes formas e sensibilidades não comparecem somente no cerne de um processo de representação do mundo e a como correspondem essas mesmas representações.

[...] O substrato da marca de um tempo é definido pelas ações humanas e pelos valores e imaginário que conformam esse tempo. Portanto, ao buscar identificar, analisar e interpretar os valores e ações humanas de um outro tempo, o historiador, e demais profissionais que elegem a História como área de conhecimento, empreendem um movimento através do qual, como já assinalado, relacionam-se diferentes temporalidades. Tal movimento próprio ao estudo da inter-relação de tempos e não somente da simultaneidade social constituiu característica primordial do ofício de construção do saber histórico. [...] (NEVES, 2010)

O tempo e a memória, segundo Lucília Delgado, se constituem em vários elementos de um mesmo processo. Tornando-se pontes de ligação, elos de corrente, que se interagem às múltiplas extensões da própria temporalidade em movimento. A memória em si – como forma empírica da experiência e conhecimento – é um caminho viável para que indivíduos percorram a temporalidade de suas vidas.

[...]Como eu disse.. é.. eu apaguei isso por mais de vinte anos, eu não falava nisso, entendeu? Falei uma única vez com um professor da unesp que era companheiro do paulinho, né? Colega de trabalho e amigo também, então uma vez o Paulinho comentou com ele, mas eu fazia questão de não falar, talvez pela mesma razão que o Jackson porque foi, assim, a gente foi muito, é... estigmatizado, agente foi.. nossa, foi massacrado[...] e o que que eu posso falar?.. a gente tinha a união das mulheres e eu tava lembrando dos termos, era tudo assim .. pela, sei la não sei se um linguista for estudar, mas era assim: colaboração, união, a terminologia era sempre assim de compartilhar tudo, quando a gente fala assim de compartilhar, mas é no sentido meio... não é no sentido, como que posso falar... é.. de compartilhar vivencia e ficar junto e tal, você compartilha pensamentos, compartilha também.. não sei tem uma diferença entre essa coisa da tecnologia hoje né e.. o que era pra gente.. acho que essa palavra não existia, compartilhar na verdade né?... era união, era colaboração, era todo mundo junto, unidos né? E... e

---

isso machucou as mães, machucou a gente, mas a gente tinha é.. certeza que ia conseguir ajudar os mais desfavorecidos né?![...] (Informação Verbal)<sup>3</sup>

A memória pode ser objeto de estudo para historiadores, jornalistas e etc. A memória carrega consigo um valor simbólico e individual. No caso presente, a ditadura o período em que essas memórias – dos guerrilheiros – foram construídas. A memória construída através de imagens, assimilações de um passado, fazendo correlações com o presente. As memórias construídas através dos guerrilheiros nos ajudam a formular uma base de estudos de um determinado período da história brasileira e, com isso, analisar – mesmo que em visões individuais – uma história presente e coletiva. Essa história é dada graças à memória e as representações que cada indivíduo traz consigo, fazendo assim, uma relação entre as vivências dos mesmos e relatos analisados com a história do período em questão. Essas representatividades únicas e individuais podem ser capazes de criar uma memória que possa ser aplicada para um estudo em que essas mesmas representações são o objeto principal da pesquisa.

De acordo com Baczko, o conflito no âmbito pessoal seria capaz de levar os indivíduos a produzirem novas formas, novos mecanismos de combate no próprio plano imaginário para atingir um objetivo. O imaginário, então, pode ser entendido como uma construção pessoal da memória e das representatividades de si mesmo com o mundo. Essa representatividade é fulcral para o entendimento do conceito de imaginário social em que os concorrentes se valeriam do processo de disforização da imagem do seu adversário (concorrentes no tempo histórico), assim tornando este ser um ilegítimo perante o meio social. Ao mesmo tempo em que procurariam uma forma de reconhecerem a si mesmos a sua figura perante o grupo, visando, assim, legitimar a sua superioridade e autoridade. (BACZKO, 1985). Baczko ainda diz que o imaginário produz um importante peso sobre as esferas política e social.

Nos estudos de Baczko vê-se que ele busca explicar uma relação entre o mito e o imaginário social. As narrativas míticas seriam utilizadas pelos atores políticos como uma forma de promover maior coesão social. Parece-nos um pouco longe essa afirmação se levarmos em conta de que nada que os guerrilheiros fizeram foi em nome de algo mítico, irreal. Porém, analisando bem, a vontade utópica de um comunismo – que nunca existiu de fato em nenhum país – fizesse-se presente, é possível essa correlação do mítico/ utópico na vida dessas pessoas que se agarraram a uma ideal para a luta urbana armada nessas cidades a fim de uma conquista maior, que muitas vezes não era enxergada, ou impossibilitada.

Seria através das imagens criadas de si, em uma determinada época, que uma sociedade manifestaria e esconderia as suas intenções, bem como o lugar que lhe caberia naquele contexto histórico (BACZKO, 1985, p. 303).

Por meio da história oral, através do depoimento de sujeitos que participaram dos movimentos de resistência contra a ditadura é possível reunir as representações sobre sua trajetória no período até o processo de redemocratização brasileira. Se a história oral é “um recurso moderno usado para elaboração de registros, documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos” (HOLANDA, MEIHY, 2007, p. 17), considera-se que essa se trata do modo de investigação mais adequado e que melhor auxiliará no alcance de resultados esperados.

---

<sup>3</sup> A entrevista com Ester foi realizada no dia 09 de Abril de 2016 em sua residência. Iniciada às 15h e finalizada às 17h.

O potencial da biografia como fonte liga-se à configuração de uma “carga de significados” sobre a experiência narrada, vivida, sentida e sonhada, pelo sujeito que, embora situada em outro tempo, pelo viés da memória repercute nos dias de hoje.

De acordo com Benjamin, a essência da informação estaria na valorização da experiência, do saber que estaria próximo não só local, mas temporalmente, do que um saber que tivesse sido originado longe, pois “[...] o saber que vinha de longe – do longe espacial das terras estranhas, ou do longe temporal contido na tradição –, dispunha de uma autoridade que era válida mesmo que não fosse controlável pela experiência [...]” (BENJAMIN, 1994a, p. 202-203) Assim, é possível afirmar, a partir de Benjamin, que a desvalorização da narrativa como forma de relatar, de comunicar a experiência encontra na difusão da informação um elemento decisivo.

Thompson (1981, p. 15) analisa em sua obra a noção de experiência é fundamental para o historiador. A experiência compreende a resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou até mesmo de um grupo social. Isto é, está relacionado a muitos acontecimentos que se interligam ou a várias repetições desse mesmo tipo de acontecimento. Além disso, para o autor, a experiência é um termo de correspondência, ou seja, se interligam em seu caráter teórico e o material empírico, portanto, o objetivo é fazer com que o relevo sobre essa mesma noção de experiência é com que homens e mulheres atuem como sujeito em determinadas situações:

Os homens e mulheres também retornam como sujeitos dentro deste termo [experiência] – não como sujeitos autônomos, ‘indivíduos livres’, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida ‘tratam’ essa experiência em sua consciência e sua cultura [...] das mais complexas maneiras [...] e em seguida (muitas vezes, mas nem sempre, através das estruturas de classe resultantes) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada. (THOMPSON, 1981, p. 182)

Os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade, fazendo com que os homens (seres humanos) desse tempo percebam a realidade em que se inserem e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coerciva, bem como explicativa do real. Ou seja, o propósito dessas mesmas análises tem o papel de “decifrar a realidade por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressam a si próprios e o mundo.” (PESAVENTO, 2005).

A memória foi e é fator importante para se entender as representatividades daquela época em que a ditadura civil-militar mantinha sob sigilo o simples direito de ir e vir que, pra nós hoje, é algo banal. Esse mesmo direito é capaz de refletirmos sobre o papel da memória em detrimento de uma construção coletiva e única daquele período. Um período em que os guerrilheiros tinham por objetivo a sua liberdade e a de toda uma nação que sofria com atos contra toda uma sociedade que clamava por justiça e liberdade. Sua representação na guerrilha e a dos demais fez-se necessária para uma luta, não só individual, mas coletiva de um povo que tinha a esperança como alicerce principal da luta.

Esse mesmo período da Ditadura Civil-Militar no Brasil – por longos 21 anos – é capaz de gerar uma série de representatividades, que não serão necessariamente iguais, a toda uma sociedade. As imagens criadas e suas respectivas memórias serão distintas e fundamentais para a construção do ser em si perante um determinado período da história. Essas representações serão fulcrais para o entendimento de toda uma sociedade. As memórias prevalecerão de forma individual e única. Por isso temos várias “imagens” criadas do período ditatorial do país. Essas mesmas imagens podem ser criadas pelos guerrilheiros – que no caso são os entrevistados – por militares e militantes, ou seja, diferentes agentes históricos produzindo diferentes imagens e memórias históricas. A história é feita por diversos olhares e por diversas interpretações.

Cada período histórico possui as suas formas singulares de “imaginar, reproduzir e renovar o imaginário, assim como possuem modalidades específicas de acreditar, sentir e pensar” (BACZKO, 1985, P.309).

“A complexidade integrante à noção de tempo refere-se às temporalidades múltiplas que se enlaçam, uma vez que as experiências vividas e a História em transformação são conformadas por processos e acontecimentos” (Neves, 2010). A história abarca vivências individuais ao mesmo tempo em que incorpora manifestações do coletivo. Essas duas dimensões, quando acopladas, unem-se em únicas experiências e dinâmicas que se reconstróem com o passado em detrimento de representações do presente. É necessário reconhecermos os “substratos” de um tempo histórico em que se é possível encontrar culturas diferentes, representações individuais, modos de vida e valores.

Em outras palavras, alguns períodos da história da humanidade foram marcados por forte religiosidade, outros por profundo humanismo, alguns por arrojada concepção social e tantos por violência e ceticismo. A singularidade dessas experiências constitui o substrato da marca do tempo. Substrato muitas vezes reafirmado pela memória e em outras por ela sublimado. Cabe aos produtores do conhecimento histórico, mesmo reconhecendo sua amplitude, reconstruí-lo, narrá-lo e interpretá-lo. (NEVES, 2010)

Michael Pollak, em sua obra intitulada, Memória, esquecimento, Silêncio, evidencia e analisa indicadores de memória coletiva e suas abordagens acerca de formação de uma identidade histórica. Ele analisa, em primeira instância, para o que é palpável, que é material; e a segunda refere-se à cultura imaterial, não palpável. Logo, a história oral, utilizada neste artigo, é útil e uma ferramenta para esse processo de construção de uma identidade local, além disso, legitima e constrói uma identidade de memória em detrimento da interligação dessas ferramentas.

Correlacionando, ainda, o contexto brasileiro com a região da América-latina é importante lembrarmos que a história oral obteve um grande desenvolvimento nessa mesma região. Para a história oral a região latino-americana é um continente com muitas realidades diferentes. Em alguns países vê-se um importante progresso da construção da história oral e em outros se vê um grande esforço para tal. A constante instabilidade política que caracterizou muitos países latino-americanos até depois da década de 1980 e “a consequente debilidade das instituições acadêmicas e universitárias geraram descontinuidades e dificuldades na consolidação de espaços de reflexão e produção no conjunto das disciplinas científicas.” (ALBERTI, FERNANDES, e FERREIRA, 2000).

[...] não existe uma única voz; existem muitas vozes latino-americanas da história e da história oral e essas vozes são nossos temas, nossas perguntas, nossos atores, nossas culturas, nossas identidades e, creio ainda, estamos comprometidos com o desafio de encontrar novos modos de enfocar o passado para recuperar seus múltiplos significados e, assim, participar ativamente no processo social da construção da memória. (Pág., 103)

Tendo em vista o amplo conceito e entendimento de memória, percebemos que, a memória mesmo sendo relevante a uma determinada sociedade, está sujeita a discursos contrários à memória construída e documentada. Isso ocorre também com a história oral que, no mundo atual e, no contexto brasileiro, ainda não são tomadas como uma “verdade possível”. Por muito tempo os próprios historiadores não levaram a oralidade a sério e a nível acadêmico, simplesmente por não haver “confiabilidade” naquilo que as pessoas falavam e reproduziam. Tudo aquilo poderia ser uma invenção. Com o passar do tempo o meio acadêmico da historiografia levou em conta todos os estudos feitos acerca da oralidade. Hoje, muito do que conhecemos da história africana veio através da história oral, por exemplo.

Entendendo a problemática da história oral e o contexto atual da sociedade brasileira, busco correlacionar os discursos produzidos pelos guerrilheiros que estiveram presentes na luta contra a ditadura e que sofreram por conta dela, com os discursos produzidos atualmente com o pedido de volta à ditadura. O descontentamento político da sociedade brasileira – pelo menos de uma classe social específica do Brasil – acarreta em falas que desconsideram a luta pela conquista da democracia (vivenciada pelos guerrilheiros) e limita essa mesma luta a nenhum grau de importância para a historiografia brasileira. Seria o mesmo que analisar apenas as fontes históricas (escritas) dos militares que comandaram o Brasil por 21 anos.

[...]a guerrilha acho que fez isso.. e hoje.. hoje vendo os filme né, que já tem sobre isso, sobre a guerrilha, acho que é isso mesmo, naquela época foi um amor assim que nasceu na juventude né.. sabe? Pelo ideal de sair daquela ditadura.. porque é difícil.. a ditadura é uma coisa assim que... olha o que eles faziam... e ainda existe essa ditadura ein, vocês podem saber que Lula pode ser preso por causa da ditadura.. então, a coisa não pode.. é uma coisa.. não quer liberdade, é incrível como a pessoa... liberdade é uma coisa muito difícil.. tem gente que não aceita mesmo, sabe?! Tem gente que quer isso e tem outros que não querem mesmo, aceita. E essa corrente existe mesmo.. ta aí.[...] (Informação Verbal)<sup>4</sup>

[...]Gostei da sua observação, porque valeu sonhar! De repente tem uma visão otimista do que foi feito né?! Pra não arrepende assim né, com todas as dificuldades, os problemas, porque esse é um problema[.]eu fiquei muito, muito acuada, me senti muito muito acuada esses anos todos, muito acuada, imagino que pra eles então né.. porque eu tinha dificuldades de falar nisso né.. de falar isso como eu falei hoje até e hoje, sabe... vejo diferente, mas quando você tá acuado é

---

<sup>4</sup> A entrevista com Amanda foi realizada no dia 04 de Fevereiro de 2016. Iniciada às 16h e finalizada às 17h30min.

---

um medo, uma vergonha, medo e vergonha e talvez pra eles ainda seja isso[...] (Informação Verbal)<sup>5</sup>

Os seres humanos, como sujeitos principais de suas histórias, são responsáveis por produzir e reproduzir acontecimentos e mudanças. Podem, também, construir referências e até mesmo destruí-las. Podem reafirmar destruir ou contestar o poder e podem, ainda, se auto afirmar perante o coletivo em que estão inseridos e reafirmar ou não a sua liberdade.

A memória contém incomensuráveis potencialidades, destacando-se o fato de trazer consigo a forte marca dos elementos fundadores, além dos elos que conformam as identidades e as relações de poder. São as lembranças – em suas dimensões mais profundas – que conformam as heranças e acumulam os detritos, que segundo a tradição bejaminiana, refundam mitos de origem e alimentam o cortejo triunfante dos vencedores de todas as épocas. Os conceitos e significados da memória são vários, pois a memória não se reduz ao ato de recordar. (NEVES, 2010)

A oralidade construída através da experiência por pessoas que buscaram algo que mudassem o seu país é jogada fora com a reprodução e a ignorância histórica envolvida em todos os fatos ocorridos e documentados ao longo de 21 anos. Percebemos que essa parcela da sociedade não é capaz de desconstruir um discurso de ódio que foi a tempos derrubado com a busca incessante de outra verdade que não a militar do período de ditadura e tortura vivido pelo Brasil.

Sumariamente, a memória, a história e as vivências individuais e coletivas – vividas e construídas por alguns guerrilheiros – torna-se objeto de estudo para a análise das construções de discursos produzidos e reproduzidos no período proposto e posteriormente. Na atualidade vemos uma resistência na historiografia (com a história oral) para mostrar as verdades daqueles que lutaram, e há também, uma parcela da sociedade que desconsidera a historiografia oral, por assim dizer, e a escrita, pedindo a volta de um regime ditatorial que matou centenas de pessoas e centenas de desaparecidos. Tentei de forma simples uma análise rápida acerca das representações e memórias vividas por pessoas que presenciaram a ditadura civil-militar brasileira. Além disso, problematizar a não aceitação de conceitos como a história oral e a sua verossimilhança com a historiografia. É importante lembrar que, as dificuldades de se fazer história oral não são um problema da atualidade, mas que se estendem para o atual. São problemas enfrentados na América latina e no mundo, o de aceitação e de corroboração com a verdade histórica. Porém, é necessário haver uma resistência dessa corrente histórica para que a memória e a experiência não seja esquecida, mas validada e que, essa validação se faça presente na sociedade brasileira e/ou latino-americana.

---

<sup>5</sup> A entrevista com Ester foi realizada no dia 09 de Abril de 2016 em sua residência. Iniciada às 15h e finalizada às 17h.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ALBERTI, V., FERNANDES, TM., and FERREIRA, MM., orgs. *História oral: desafios para o século XXI* [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. 204p. ISBN 85-85676-84-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta de Moraes. (org.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro. FGV, 2002. LEVI, Giovanni. Usos da Biografia.

ARENDT, Hanna. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

AVELAR, Alexandre. *A Biografia Como Escrita da História: Possibilidades, limites e tensões*. Disponível em: <http://www.ufes.br/ppghis/dimensoes/data/uploads/Dimensoes-AlexandreAvelar.pdf>

BACZKO, Bronislaw. *A imaginação social* In: Leach, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. *Mulher de papel: a representação da mulher feminina brasileira*. São Paulo: Summus, 2009.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Editora DIFEL. Rio de Janeiro, 1990.

DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos*. : Editora Graal. Rio de Janeiro, 1986.

FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *O Brasil Republicano. O Tempo da Experiência Democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil militar de 1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2.008. vol 3

FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *O Brasil Republicano. O Tempo da Ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2.008. vol 4.

HOLANDA, Fabíola; MEIHY, José Carlos Sebe B. *História Oral – Como fazer, como pensar*. São Paulo: Ed. Contexto, 2007.

HOLSTON, James. *A Cidade Modernista: Uma crítica de Brasília e sua utopia*. Tradução de Marcelo Coelho. Editora Companhia das Letras. São Paulo, 1993.

Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994a.

Mulher e Liter., Rio de Janeiro: 1998. Disponível em: <http://www.openlink.com.br/nielm/> revista.htm. Acesso em: 27 abr. 2011.

NEVES, Lucília de Almeida. *História oral e narrativa: memória, tempo e identidade*. Editora Autentica. São Paulo, 2010.

pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1981.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. Editora Autêntica. Belo Horizonte, 2003.

POLLACK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio; IN: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989

RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas (SP): Ed. da UNICAMP, 2007

RICOEUR, P. O conflito das interpretações: ensaios da hermenêutica. Rio de Janeiro: Imago, 1978

SHOWALTER, Elaine. “A crítica feminina no território selvagem”. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.). *Tendências e impasses. O feminino como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

---

SOUZA, Eneida Maria. A Biografia: Um bem de arquivo. Revista ALEA, Volume 10, número 01, pagina 121 a 129.

THOMPSON, E. P., *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Trad. Waltensir Dutra. Zahar Editores. Rio de Janeiro, 1981.

THOMPSON, E. P. A miséria da teoria: ou um planetário de erros – uma crítica do XAVIER, Elódia. *Narrativa de autoria feminina brasileira: as marcas da trajetória*. Rev.